Doreo 4

DALTRO SANTOS

CHRISTOVAM COLOMBO

CONFERENCIA PRONUNCIADA
EM 21 DE AGOSTO DE 1911
NO
COLLEGIO MILITAR DO RIO DE JANEIRO
PRIMEIRA DA SERIE PROMOVIDA PELO DIRECTOR-COMMANDANTE DESSE INSTITUTO
CORONEL ALEXANDRE C. BARRETO

BIBLIOTECA CIVICA BERIO
MISC.
Colomb.
A
5
4
GENOVA

RIO DE JANEIRO
Na Papelaria Ribeiro, Quitanda 113 e 115
1913

CIVICA
BIBLIOTECA
BERIO
GENOVA
Misc.
Colomb.
A
5
4

Dono dell'A. 10 DIC. 1954. [1913]

DALTRO SANTOS

27086

CHRISTOVAM COLOMBO

CONFERENCIA PRONUNCIADA
EM 21 DE AGOSTO DE 1911
NO
COLLEGIO MILITAR DO RIO DE JANEIRO
PRIMEIRA DA SERIE PROMOVIDA PELO DIRECTOR-COMMANDANTE DESSE INSTITUTO
CORONEL ALEXANDRE C. BARRETO

Misc-Colomb
A
5
4

RIO DE JANEIRO
Typ. da Papelaria Ribeiro, Quitanda 113 e 115
1913

A ADMINISTRAÇÃO DO COLLEGIO MILITAR DO RIO DE JANEIRO CONVIDOU O PROFESSOR DALTRO SANTOS A ESCREVER A CONFERENCIA QUE REALIZOU NESSE INSTITUTO AO INAUGURAR-SE O APPARELHO DE PROJECÇÃO QUE, PARA FINS DIDACTICOS, AHI FEZ INSTALLAR; E MANDA PUBLICAL-A NO PRESENTE OPUSCULO COMO PROVEITOSA LIÇÃO AOS ALUMNOS

A ADMINISTRAÇÃO DO COLLEGIO MILITAR DO RIO DE JANEIRO CONVIDOU O PROFESSOR DALTRO SANTOS A ESCREVER A CONFERENCIA QUE REALIZOU NESSE INSTITUTO AO INAUGURAR-SE O APPARELHO DE PROJECÇÃO QUE, PARA FINS DIDACTICOS, AHI FEZ INSTALLAR; E MANDA PUBLICAL-A NO PRESENTE OPUSCULO COMO PROVEITOSA LIÇÃO AOS ALUMNOS

EXMAS. SENHORAS ;

MEUS SENHORES :

INTRODUCÇÃO

Convidado pelo nosso antigo mestre e nobre amigo, o illustrado Director-Commandante deste Collegio Coronel Alexandre Barreto, a iniciar a serie de conferencias didacticas, com que procura tornar mais attrahente o ensino que se ministra nesta casa, permitti que dirijamos ao excellente auditorio a expressão do nosso cordialissimo agradecimento pela honra da sua presença nesta modesta reunião.

Depara-nos a assembléa — portadores de largo estimulo á nossa fraqueza — além das gentis senhoras, a quem dirigimos o nosso respeitoso saudar de acatamento, o sr. Ministro da Guerra General Dantas Barreto, reputado escriptor e historiographo ; o venerando mestre e querido amigo Barão Homem de Mello, a cujo carinhoso affecto se prendeu o discipulo, desde os tempos felizes

em que lhe ouvia, attento, a lúcida palavra ; os distinctissimos collegas do corpo docente e membros da administração, benevolos amigos e leaes camaradas, que aqui vieram, não por certo sob o attractivo de uma palavra desautorisada, mas por darem o seu valioso apoio ao novo melhoramento, com que accrescenta o Coronel Barreto os seus beneficios a este instituto ; e, finalmente, outros amigos deste gymnasio, que nos sensibilisam pelo apreço que lhes merece o Collegio Militar do Rio de Janeiro.

Consenti, todavia, que preliminarmente vos previnamos a todos que não se vos fará uma conferencia ; assistireis apenas a uma explanação didactica aos nossos alumnos, no mesmo tom, com o mesmo gésto, sob a mesma fórma communs ás nossas aulas normaes. Assim, não nos impedireis que tambem os invoquemos, unicos, como são, neste auditorio que poderão comnosco algo aprender nesta palestra.

Caros discipulos :

O fim do seculo XV inicia na Europa uma revolução assignalavel, que traça por factos capitaes larga fronteira entre a edade média e os tempos modernos. São varias as conquistas sociaes que vão caracterisar essa agitada época, na qual, como sabeis, se elaboram os principios elementares do mundo moderno.

O regimen social da FEUDALIDADE vem paulatinamente fenecendo, substituido pelo poder maior dos monarchas, contra cujo

imperio irrompem, timidos ainda, os primeiros assomos das classes populares. O RENASCIMENTO, impulsionado pela descoberta das artes graphicas, emancipa os espiritos, innova as sciencias, transforma as artes plasticas e amplamente expande as fórmas literarias. Nos dominios da crença, o MOVIMENTO RELIGIOSO de Martinho Luthero marca, no conceito de Carlyle, o primeiro passo para a libertação da consciencia humana, de que a revolução franceza vem mais tarde abater os ultimos estorvos, abrindo-lhe a caudal das conquistas finaes. E, com effeito, o principio da *Christandade*, que, assentado na unidade da fé catholica, unificava numa só familia as gentes européas, vae sendo com presteza dominado pela preponderancia das *Nacionalidades*, cada qual com interesses, tendencias, costumes e sentimentos proprios. Por fim, os DESCOBRIMENTOS DE NOVAS TERRAS, de mundos não sabidos, de regiões occultas á civilisação, alargam consideravelmente o theatro exiguo em que se agitava a sociedade européa, creando novas nações, accrescendo com fartos e novos elementos a cultura scientifica e desdobrando na historia o escopo cada vez mais preponderante nas relações internacionaes da sociedade moderna : os interesses economicos.

Os aguilhões do espirito commercial, as imposições do lucro monetario, a *aurea sacra fames*, emfim — eis a causa principal a que se deve a posse de dois mundos : o descobrimento economico do Oriente, de que a

edade média tinha apenas um rude conhecimento, e o descobrimento real do mundo occidental, absolutamente desconhecido antes de Christovam Colombo.

A Asia, ou melhor, as Indias, de que tantas maravilhas se diziam, era o mysterioso paiz do Oriente que excitava a imaginação dos europeus, e donde vinham, para o lucro fabuloso das transacções mercantis, as gemmas e os velludos, as perolas e os perfumes, as sedas e porcellanas, o incenso e a myrra, e, mais que tudo, as especiarias, de que se carregavam em Constantinopla e Alexandria as náos veleiras de Genova e Veneza.

Mas os caminhos que conduziam á vastidão longinqua dessas terras foram de todo ignorados pelos homens de Europa durante varios seculos ; e quando se lhes patentearam, de nada lhes valeu esse conhecimento, porque estavam defesos pelos Arabes aos mercadores europeus.

Aos Musulmanos, contemporaneos e rivaes do mundo catholico, deveu a civilisação magnificos serviços, como intermediarios, que foram, entre a cultura grega e o tenebroso inicio da média edade. Nelles, além do ardor commercial dos antigos Phenicios, além da tendencia scientifica dos remotos Chaldeus e do temperamento bellicoso dos terriveis Assyrios, notam-se a inclinação ás viagens, tão caracteristica da raça, e o zelo fervoroso com que aos povos derredór impunham a ferro e fogo o Korão de Mahomet, receptaculo exclusivo da crença islamica.

Numa vastissima extensão, que se lindava

entre o Atlantico e o Indus, o Caucaso e a Africa central, pertenceu-lhes grande parte do mundo conhecido. O seu imperio abarcava as mesmas regiões, as mesmas estradas e os mesmos mares, que percorreram outr' ora as frotas greco-phenicias e as legiões aguerridas de Roma.

Mas esse imperio nos revela uma originalidade, como tão justamente assignala Marcel Dubois: é que os marcos politicos são menores do que os limites religiosos, e estes menos vastos do que as fronteiras commerciaes. E realmente, o Islamismo se derrama além do territorio dos Kalifas e penetra a Asia e Africa centraes, o Thibet e a India. Mas as permutas do trafico mercantil vão mais longe ainda, porque alcançam os extremos levantinos fronteiros ao grande oceano.

Estaes vendo, pois, que eram os Arabes os senhores do commercio internacional da Asia no fim da edade média. As mercadorias do paiz das Indias, só os Musulmanos as traziam ao alcance do commercio europeu. E o faziam pelas duas unicas vias que se conheciam então: o caminho terrestre, ou da *seda*, que vinha, de Kambalú (Pekin) por Samarkande, até o Mar Negro e Bysancio, onde a recebiam as frotas genovezas; e a rota maritima, ou das *especiarias*, atravéz do Oceano Indico e do Mar Vermelho, ligando as terras da Insulindia ao porto de Alexandria, donde as galeras de Veneza as espalhavam pela Europa.

Assim, facil vos é comprehender como a

Asia era o scenario commercial dos Arabes, do mesmo modo que o Mediterraneo era o theatro em que agiam as esquadras mercantes das duas florescentes republicas de Veneza e Genova.

Esta ruiu, porém, em meio da gloria sumptuosa das suas riquezas. Quando os Turcos Ottomanos se apossaram de Constantinopla em 1453, o rico emporio do seu commercio maritimo escapava-se-lhe das mãos e se lhe fechava assim a caudal, por onde lhe vinham, nos productos orientaes, os elementos opimos da sua grandeza.

A outra conservou por quatro décadas ainda o monopolio do commercio do Oriente, até o momento em que Vasco da Gama abriu, pelo periplo d'Africa, o novo roteiro das Indias. Poderosissima no mar, essa republica culminou entre os outros portos mediterraneos. Os seus estaleiros, de onde sahiram mais de dez mil navios, foram o nucleo da sua fortuna, na potencia do mar, como na magnificencia das artes.

Eil-as, pois, as soberanas do Mediterraneo, clavicularias exclusivas das duas portas unicas, de onde, a peso de ouro, se escoavam para a Europa as producções do Oriente.

Só pelo poder maritimo de cada uma, na luta commercial em que ambas se empenhavam, se explica o monopolio com que retinham nas suas naves o commercio do próvido manancial de tantas riquezas.

E' natural, por consequencia, que outros povos atirados ao mar, com Portugal natu-

ralmente á frente, se empenhassem em deslindar as aguas do oceano, em procura de nova trilha para as Indias.

Precarios eram, entretanto, os conhecimentos geographicos dos homens da edade média. Careciam por completo de tudo quanto, neste particular, estatuíra a sciencia greco-romana; e a ignorancia os encarcerava no ambito que limitavam seus olhos. Fórma, extensão, regiões e mares do planeta eram noções ora confusas, ora completamente erroneas.

O principio da esphericidade da terra, perfeitamente aceito na antiga Escola de Alexandria, onde os melhores sabios, os Euclides e os Apollonios, os Eratosthenes e os Hypparchos, levantavam, veneraveis obreiros, os alicerces das sciencias; o principio da redondeza da terra, que naquella escola era um facto incontestavel, tanto que Eratosthenes mediu mesmo, com uma approximação notavel, o meridiano terrestre; esse principio, em grande parte do decurso medieval, era absolutamente não sabido pelos europeus, a cuja ignorancia o catholicismo trazia novos escudos de resistencia, decorrentes da Biblia e da palavra orthodoxa dos principaes doutores da Egreja.

Assim, a sciencia geographica formulava hypotheses; e a Terra, á fantasia, ora tomava a fórma de um quadrado, ora a de um disco plano, em derredor do qual as aguas, frigidas do norte e ferventes do sul, se estendiam, até os limites finaes, de onde se levantavam as muralhas que cercavam o

mundo e amparavam o céu. De qualquer modo se assignava uma barreira intransponivel ao valle de lagrimas da Terra.

E quando, desde os principios do seculo XIII, os estudos cosmographicos começaram de admittir timidamente a fórma espherica ao planeta, os concilios e os theologos condemnavam taes doutrinas, discordes como eram das palavras do Evangelho. E, invocando os maiores escriptores da Egreja, S. Basilio e Santo Ambrosio, Santo Agostinho, o *primus inter pares*, e S. Gregorio, o mais classico dos doutores ecclesiasticos, oppunham ás idéas demolidoras da revelação divina, as sentenças desses notaveis oraculos christãos.

Seja-vos aqui mostrado um dos trechos mais caracteristicos do pensamento theologico, um dos que se oppuzeram, mais tarde, em Salamanca, ás affirmações de Colombo. E' de Firmianus Lactantius, a quem S. Jeronymo chamou o *Cicero Christão*, pela pureza do estylo e elevação das idéas :

« Haverá maior absurdo do que acreditarmos que existem antipodas, tendo os pés em opposição aos nossos ? Pessoas que andam com os tacões para o ar e a cabeça para baixo ? Que haja logares no mundo em que tudo é ás avessas ; em que as arvores expandem os galhos para baixo e chove e neva de baixo para cima ? A idéa da redondeza da terra originou a lenda dos antipodas, com os pés para o ar. Presos a essa doutrina singular, os philosophos pagãos pas-

sam por muitos absurdos, e, para defender uns, inventam outros.»

Vêdes bem que a orthodoxia religiosa e a ignorancia cerceavam assim o surto das intelligencias e peavam a realização das descobertas scientificas.

Sabeis, entretanto, que são inuteis todas as barreiras que o fanatismo, a intolerancia, ou a violencia queiram oppor á verdade, que, do estado latente em que se possa deparar, irrompe um dia, linda e clara, como o alvo supremo da mentalidade humana.

Os serviços extraordinarios dos Arabes, como transmissores da sciencia grega; o movimento religioso das cruzadas, que approximou os dois mundos monotheistas: christão e musulmano; e os fecundos estudos dos cosmographos da época, fizeram pouco a pouco crescer na Europa os conhecimentos da sciencia geographica. A propria Asia se revelou em parte aos europeus. Realmente, após as cruzadas, varias narrações fantasiosas appareciam e vulgarisavam-se, condensadas principalmente nas *Mirabilia mundi*. E esse incentivo ás imaginações augmentava bruscamente o desejo de melhor conhecer-se o prodigioso recanto da terra, em cujos extremos orientaes devêram estar, consoante ás idéas do tempo, os derradeiros horisontes do mundo.

Fizeram-se então varias expedições ao oriente, algumas das quaes optimo pasto offerecem á curiosidade européa. Citem-se as que enviaram o Papa Innocencio IV e o rei Luiz IX de França ao poderoso chefe do

imperio mongol, o grande Khan, cuja côrte habitava a cidade de Karakorum. Os monges Planocarpini e Ruysbrœck são os emissarios dessas embaixadas de caracter politico-religioso. Nas suas descripções revelaram ambos a existencia de um mundo até então ignorado, trazendo ao conhecimento da Europa todos os caracteristicos, quer physicos, quer sociaes, daquellas regiões e gentes. Derribavam, porém, a fabula de um imperio catholico, de Preste João, em que se cria, mas que era apenas o proprio imperio mongolico.

Outras viagens celebres augmentaram, atravéz de tres seculos, o interesse que a Asia despertava na Europa. Para vos não enfarar, basta que mencionemos as de Marco Polo no seculo XIII, dos monges Giovanni de Montecorvino e Oderico de Pordenone no começo do seculo XIV; as do belga Jean de Mandeville ainda nesse seculo, e as de Balducci, Pegoletti e Nicoláo Conti no seculo XV. A mais impressionante, porém, é a primeira, como podemos ver.

Marco Polo, muito joven ainda, acompanhando o pae e um tio, ricos joalheiros de Veneza, teve occasião de chegar em 1274 até a nova capital, Cambalú (Pekin), do grande Khan Kublaí. Este o recebeu com deferencia e lhe aproveitou os conhecimentos e o grande senso pratico, de que deu innumeras mostras; e durante dezesete annos Marco, pode-se dizer, foi tudo na côrte de Kublaí, exercendo varias e multiplas funcções, *chargé de tout ce qu'il verrait bon être.* O seu

percuciente espirito escandiu tudo. A velha Sérica, a mysteriosa Cathay, a China toda se lhe patenteou, robusta e opulenta. Quando de lá voltou á patria, de que foi bom soldado na luta contra Genova, ditou em francez, entre as paredes do carcere, prisioneiro desta, o celebre *Livre des Merveilles*, em que o seu curioso espirito nos revela quanto viu, quer sobre os aspectos physicos, quer quanto á vida social, economica e politica da China.

Os enthusiasmos do chronista, o pittoresco das suas descripções, e, mais que tudo, a narração das opulencias economicas de Cathay, Quinzay, Zaiton e Cipango, além das revelações do mundo arabe, cujos dominios percorreu, fizeram do livro de Marco Polo o verdadeiro desvelador do Oriente. E' facil calcular como se aguçou a imaginação dos europeus ante a citação de cidades, a que o commercio trazia por anno mais de quinze milhões de sacas de ouro, e por dia mais de mil carros atestados de sedas; portos, em que se apertavam mais de cinco mil navios, como o de Zaiton, no qual — *pour une nef de poivre qui và en Alexandrie ou ailleurs, chez les chrétiens, il en venait cent et plus*... e onde entravàm perolas, pedras preciosas e outras caras mercadorias *en telle quantité que c'était merveille ;* regiões, como Cipango, que elle entreviu apenas, mas onde *les palais sont couverts d'or fin comme nos églises de plomb*, ouro fino que elle affirmava ser *épais bien de deux doigts.*

Todavia, por mais amanhado que estivesse

o terreno, a semente custou de medrar nalguns pontos, porque o espanto para muitos se fez incredulidade. Por mais veraz que se possa suppôr o viajante de Veneza, os seus contemporaneos o não creram; e só mais tarde outros illustres viajantes lhe confirmaram as asserções. Marco Polo, por isso, não escapou á alcunha (brilhante como o ouro das suas narrações) de *Messer Millione*; como depois, tres seculos mais tarde, a outro chronista de egual feitio, este da nossa lingua, o autor da *Peregrinação*, a malicia de alguem lhe transmudou o nome de Fernão Mendes Pinto em *Fernão, mentes? Minto.*

Injustiças dos homens.

De uma causa, porém, vos devemos ora falar, á qual se deve, como ás outras, o incitamento ás viagens, que caracterisa essa época. São os progressos na arte de navegar, as innovações na industria das construcções navaes e as descobertas scientificas de valor immediato para a pratica do mar.

Não vos indicaremos as vantagens da bussola, que os Arabes trouxeram aos europeus, nem do astrolabio, que tantos serviços prestou aos devassadores do mar tenebroso; como não nos parece necessario dizer-vos como se aperfeiçoaram os traçados das cartas geographicas, taes e tantas, que se multiplicavam, passiveis embora de erros e fantasias.

Mas, quanto á arte das construcções navaes, essa offerecia progressos justos, que se adequavam ás necessidades crescentes

do momento. E, realmente, juntava-se uma nova unidade maritima aos dois modelos classicos dos navios mediterraneos.

A' GALERA, esvelta e rapida, com dois mastros veliferos, mas quasi cerce á flor das aguas; e á NÁO, de alto bordo, mas pesada, com mastro unico e vela triangular — accrescia-se a CARAVELLA, de fórmas arredondadas, armada de tres mastros e velas latinas, alta e capaz de affrontar as vagas do oceano. A *caravella* é, de facto, o navio dos descobrimentos oceanicos de Hespanha e Portugal.

Este foi a primeira nação maritima que se atirou á pesquiza, no mar, do novo caminho para as Indias. Sabeis a successão de terras novas, que foram descobrindo, atravéz da costa africana occidental, os seus destemidos navegantes, até as victorias finaes de Bartholomeu Dias e Vasco da Gama. A gloria do infante D. Henrique de Vizeu, soldado vencedor de Ceuta, scientista fundador de Sagres, cognominado «o principe navegador», e morto em 1460, continuava, rutila e grande, na actividade dos pilotos da escola maritima, que fundára.

A Hespanha até então não se aventurára ao oceano, nem mesmo cogitára dos estudos geographicos, presa, como estava, á luta secular contra os Mouros, dominadores de parte da peninsula desde 711.

Lullio, o celebre polygrapho da edade média, o famoso *Doctor Illuminatus*, a quem se attribuem 486 tratados, propoz em 1305 ao mundo iberico um novo plano de combate

aos Arabes, o qual consistia em os ir vencendo, a pouco e pouco, na Hespanha primeiro, e em seguida em Ceuta e nas demais cidades da costa norte africana, até o Egypto. Esse projecto, só mais tarde o puzeram em acção as gentes ibericas, quando as armas luzitanas em 1415 dominaram Ceuta e as castelhanas em 1492 expugnaram o derradeiro reducto mourisco da peninsula.

Dentro desse periodo surge na historia o vulto egregio de Christovam Colombo.

O seu extraordinario feito tem sido infirmado por varios oppositores á sua gloria.

A questão do descobrimento da America pre-colombiana, não nos pode, entretanto, deter, no transcorrer desta palestra, tão frageis são os argumentos dos que querem tirar ao grande almirante o merito de haver integrado o mundo.

São os Scandinavos, pela sua Real Sociedade dos Antiquarios do Norte, que, antes de quaesquer outros, aprezentam relações e roteiros, condensados em uma grande obra, em que procuram provar terem os seus antepassados descoberto e occupado successivamente a Islandia no seculo IX, a Groenlandia no seculo X, e outras ilhas da America até o começo do seculo XI.

O vosso espirito, entretanto, já percebeu no nosso trato quotidiano com os eventos da civilisação, que os factos se effectuam e os homens surgem na historia nos momentos adequados, oriundos uns e outros da propria sociedade, a que obedecem. A lição de Taine é clara neste ponto. E para nós, que

assistimos nos nossos estudos ao evolver da humanidade, a conclusão que podemos extrahir de tal assumpto é uma só : a de que a America só poderia ser de facto e historicamente descoberta nesse seculo XV, pelas idéas, pelos estudos, pelas tendencias e pelos influxos caracteristicos dessa época social. E senão, levados á tona das hypotheses, poderiamos admittir que Platão nol-a houvesse revelado no seu *Timeu*, prevendo-a na vasta região insular, a que Solon chamou *Atlantida*.

Mas não vades pensar que imaginemos as terras americanas absolutamente segregadas do mundo oriental. Não. Os monumentos, os idiomas, os vestigios ethnographicos ahi estão para provar que o hemispherio occidental soffreu nos primordios a influencia civilisadora do oriente. Quando ? não sabemos. Mas ahi estão todos os archeologos que palparam materialmente, nos vestigios da civilisação pre-colombiana no Mexico e no Perú, a similitude de raça, lingua, arte e crença orientaes. Sob o aspecto glossologico então, a identidade de centenas de raizes, como soube reunil-as e comparal-as Brasseur de Bourbourg, comprova inteiramente a nossa affirmação.

Ha, porém, mais, meus caros discipulos. Nem as pretensões inglezas, disputando para o principe Madoc e outros a primazia na descoberta de ilhas americanas ; nem as viagens do fim do seculo XIV de Nicoláo e Marco Antonio Zeno, nem mesmo outras, como a de Jean Cousin no proprio seculo de

Colombo: nenhuma offerece aos interesses e á expansão da cultura humana, o valor indiscutivel, o merito innegavel, os resultados fertilissimos do grande feito do Almirante.

Ao contrario do que fez o Visconde de Porto Seguro, quando na sua HISTORIA GERAL DO BRASIL denomina injustamente um *erro feliz* a descoberta do grande Genovez, o General Abreu e Lima, fazendo resaltar a fama do heroe, mostra que só a Colombo cabe a victoria do descobrimento, porque aos outros viajantes « *nenhuma gloria lhes poderia resultar de acontecimentos que não deixaram após si senão uma memoria esteril e que nenhuma iufluencia tiveram para o resto do mundo* »

—

FONTES

Os primeiros annos da vida de Colombo apresentam-se-nos quasi lendarios. Para o conhecimento das suas origens, vida e feitos, as fontes, que vamos rapidamente apontar-vos, começarão, é natural, pelos escriptos do proprio Almirante, e pelas notas que sobre elle se deparam em documentos da época.

Não foi Colombo apenas o heroico dominador dos mares, senão tambem um homem de gabinete. Escreveu muito, *y con tan buena letra*, diz seu filho, *que bastára para gañar de comer*. Um dos bufões de Carlos V numa carta ao marquez de Pescara diz de alguem: *ruego a Dios que nunca le falte papel, porque escribe mas que Tolomeo y que Colon, el que halló las Indias.*

Effectivamente não é pequena, para o seu tempo, a sua bagagem literaria. Contam-se delle sessenta e quatro memorias e relações, extractos e roteiros, dos quaes vinte e tres em manuscriptos autographos. Em Madrid, na bibliotheca dos duques de Osuña, ha um resumo do *jornal* de bordo da primeira viagem e a relação completa e original da terceira. São innumeros os roteiros, relações de viagens que escreveu e documentos cartographicos que traçou. Estes gosavam do mais justo credito a merecido apreço; e a elles muito navegador improvisado deveu os louros, de que mais tarde se enfeitou.

Numa carta de Isabel, rainha de Castella, de 5 de Setembro de 1493, posterior, portanto, á primeira viagem, se lê : ... *la carta de marear que habiades de hacer, si es acabada, me enviad luego.* E no final da relação autentica da terceira viagem, remata Colombo : *Entretanto yo enviaré á Vuestras Altezas esta escritura y la pintura des las tierras* : pintura esta que Alonso de Ojeda declarou ter visto — *la figura que el Almirante envió à Castilla al Rey y Reina de lo que habia descubierto.*

Preso aos seus trabalhos, Colombo compulsou tudo quanto se referia á natureza dos seus estudos. Elle proprio o diz aos reis catholicos em uma carta de 1501 : *En este tiempo he visto y estudiado en todos los libros de cosmografia, historia, filosofia y otras ciencias, de manera que Dios Nuestro Señor me abrió el entendimiento con mano palpable..... hizome entender mucho de*

la navegación, dióme a entender lo que bastava de la astrologia, geometria y arimetica; me dió el animo ingenioso y las manos habiles para pintar la esfera, y las ciudades, montes, rios, islas, y todos los puertos, con los sitios convenientes de ella.

Entre os incunabulos que possuiu, cinco lhe eram predilectos e foram annotados por si. Conservou-os Fernando, seu filho e biographo, no valioso acervo de livros que conseguiu reunir e que mais tarde constituiu a *Bibliotheca Colombina,* recolhida depois á cathedral de Sevilha e possuidora de mais de vinte mil volumes. Esses inseparaveis livros são uma *Historia do Papa Pio II,* o *Tractatus* de Pierre d'Ailly, um Marco Polo em latim, um Plinio e um Plutarcho.

Todos os papeis que restam do arrojado navegador estão hoje em Madrid, nos archivos dos duques de Veráguas. E só os possue a historia mercê dos religiosos de Las Cuelvas, perto da Sevilha, em cujas mãos durante mais de um seculo permaneceram, guardados num envolúcro de ferro e ahi entregues pelo padre Gaspar Gorricio, a quem os remettera o proprio Almirante, seu intimo amigo.

Grande parte desses preciosos documentos autenticos foram publicados em 1892 em Madrid pela duqueza de Berwick y de Alba: *Autógrafos de Cristóbal Colón y Papeles de America.*

Após os documentos do nosso grande heróe, merece acatado o livro do seu filho

Fernando — HISTORIA DEL ALMIRANTE CRISTÓBAL COLÓN, SU PADRE, fonte preciosa nalguns pontos, embora passivel de suspeição em outros.

E, passando ás fontes menos proximas, mas de qualquer modo ricas e fecundas, algumas das quaes de notabilissimo criterio, aqui vol-as apontaremos, as melhores :

Juan Bauttista Muñoz, primeiro cosmographo de Carlos III, escreveu em 1779 a HISTORIA DEL NUEVO MUNDO, que não foi concluida.

Martin Fernandez de Navarrete reuniu e publicou em Madrid, de 1825 a 1837, as COLECIONES DE LOS VIAJES Y DESCOBRIMIENTOS QUE HICIERON POR MAR LOS ESPAÑOLES DESDE FINES DEL SIGLO XV.

Ruy de Pina, guarda geral dos archivos da Torre do Tombo e que tomou parte nas negociações do Tratado de Tordesillas, na sua CHRONICA DE D. JOÃO II, é fonte autorisada e unica, em relação á entrevista que teve Colombo em Valparaiso em 9 de Março de 1493 com o rei de Portugal D. João II. Garcia de Rezende apenas o plagiou, abrandando a linguagem franca de Ruy, por melhor aprazer aos Braganças. E o grande historiador João de Barros neste ponto repete apenas o compilador do *Cancioneiro*.

Mais valiosa é a HISTORIA DE LAS INDIAS que Bartholomé de Las Casas escreveu, relatando os acontecimentos que, sob as suas vistas, se deram na America, onde foi o melhor e mais firme defensor dos indigenas contra as atrocidades dos Hespanhóes. O

seu livro só foi, entretanto, publicado em 1875. Herrera, na obra historica em que explana as conquistas castelhanas no mar oceano, o toma por luminoso guia e fonte próvida.

O historiador inglez William Robertson publicou em 1777 uma HISTORY OF AMERICA, digna do maior apreço.

Modernamente basta-nos citar-vos a notavel obra de Washington Irving, um dos mais reputados escriptores norte-americanos, A HISTORY OF THE LIFE AND VOYAGES OF CHRISTOFER COLUMBUS, publicada de 1828 a 1830, por influencia da publicação, que Navarrete encetava, das suas famosas *Colecciones*, cuja traducção Irving desistiu de emprehender, por se entregar com alma á feitura do seu bello trabalho original.

Em França Henri Harisse no seu monumental e admiravel livro — CHRISTOPHE COLOMBE, SON ORIGINE ET SA VIE, dado a lume em 1871, offerece um dos mais ricos modelos de critica e pesquiza historicas em relação ao grande nauta. E na Italia, entre outros, o escriptor Cesare de Lollis publicou em Milão em 1892 um apreciavel livro — CRISTOFORO COLOMBO NELLA LEGGENDA E NELLA STORIA, em que nos revela a individualidade do Almirante, entremescladamente á luz da verdade e sob os lavores da fantasia.

Entre nós bella homenagem de justiça prestou-lhe o General José Ignacio de Abreu e Lima na introducção da sua SYNOPSIS OU DEDUCÇÃO CHRONOLOGICA DOS FACTOS MAIS NOTAVEIS DA HISTORIA DO BRASIL, publicada

no Recife em 1844. E o illustre conselheiro Pereira da Silva teve publicadas pelo Instituto Historico, em 1892, as cinco meritorias *conferencias publicas*, com que rememorou, no 4º centenario, a vida e o feito de Colombo.

Eil-as ahi, rapidamente, as melhores obras e os mais autorisados documentos, em que ha de firmar-se quem quizer conhecer a vida do celebre descobridor do Novo Mundo. Nellas e nelles catámos nós o essencial para ordenar aqui tão arrastada arenga, em que se mede á vossa complacencia o nosso medo de enfadar-vos.

—

ORIGENS

Sobre as origens do Almirante, a melhor fonte, além da sua propria em seus escriptos, seria a do seu filho, que o dá como *de sangue illustre*, descendente de uma familia nobre de Placencia, e marinheiro, *como todos os seus.*

Esse parece, todavia, um dos pontos em que a palavra de Fernando não se afigura merecedora de inteiro credito, porque de mais de cincoenta documentos, como nos prova Harisse, resalta a origem humilde de Colombo, cuja familia era quasi toda constituida por tecelões. Essa nobreza, não ha documento que a comprove; e quanto á affirmação de que eram maritimos todos os seus parentes, os documentos nol-os mostram, pae, tios, irmãos e elle proprio, como tecelões. Gente modesta, habitando o campo, os seus parentes e ascendentes viveram

longo tempo na região a L. de Genova, que se limita entre Fontanabuona ao N. e Quinto e Savona ao S.

Comtudo, inexplicavelmente, a palavra do pae corrobora a do filho. E, realmente, em contradicção com todos os documentos, fazendo crer num erro decorrente da ignorancia a respeito dos seus maiores, ou num desejo de explicar a inclinação ao mar, de que houve a sua gloria, é o proprio Almirante quem affirma: *Io non sono il primo ammiraglio della mia famiglia.*

Mas a continuação desse trecho, como que nos dá a entender um resentimento da sua parte contra qualquer estupida malevolencia, com que lhe quizesse alguem talvez deprimir a profissão obscura dos paes e delle proprio: *Mettanme pure il nome che vorrano, che, in ultimo, David, ré sapientissimo, fu guardiano de peccore e poi fu fatto ré di Jerusaleme; ed io servo sono di quello stesso Signore che mise lui in tale stato.*

Chamou-se o pae Domenico Colombo, natural de Quinto, o qual casou em 1445 com uma senhora de Bisagno, Suzana Fontanarossa, oriunda tambem de uma familia de tecedores. No anno seguinte nascia-lhes Christovam, o primogenito.

Onde, porém? E' esse um ponto controverso, tanto mais quanto disputam a Genova a honra de lhe ter sido berço diversas povoações italianas, como Savona, Cuccaro, Oneglia, Cogoletto, Nervi, Albissola, Bogliasco, Cosseria, Quinto, Finale e Pradello. Ora, os documentos provam que o pae, Do-

menico, viveu em Quinto até 1451, depois em Genova até 1470, em seguida em Savona até 1484, de onde voltou, já sem a companheira, para Genova, onde permaneceu até morrer em 1498.

Assim, de todas ellas, força é que seleccionemos as povoações maritimas de Quinto e Savona, unicas que podem, com certo fundamento, concorrer com Genova, porque nellas, como naquelle grande porto, residiu seu pae por varios annos. Sem mais estudo, ante as datas citadas, poderiamos concluir pelo seu nascimento em Quinto, onde se fez o lar paterno em 1445 e donde só em 1451 foi transferido a Genova. Mas, porque fallecem documentos nos archivos publicos, melhor será tomarmos a propria affirmação de Colombo, que, aliás, podia ter nascido por occasião de uma das estadias rapidas, que os paes, morando embora em Quinto, faziam por vezes em Genova. Realmente no seu testamento fala Colombo nessa cidade como sendo o seu berço... *en la ciudad de Genova, pues que della salí y en ella nací.*

Domenico e Suzana houveram cinco filhos, que são, além de Christovam, Giovanni Pelegrino, Bartholomeo, Bianchinetta (que casou com Giaccomo Bovarello) e Giaccomo, chamado Diego, tecelão, depois padre.

Ao transportarem-se para Genova em 1451, os paes levavam tres filhos varões, nascendo-lhes ahi a moça e o derradeiro. Em 1484 Suzana fallecia, e de Savona Domenico partia, retornando a Genova, onde lhe transcorreram os annos da viuvez, mas de

onde a sua alma acompanhou de longe, combalida na dor mas vibrante de orgulho, as glorias de um dos filhos, o realce dos outros e a promissora educação dos netos.

Sobre a infancia de Christovam nada se nos depara em documentos. E' natural que vivesse ao pé dos paes, praticando o mesmo officio, até começar a sua actividade no mar, que se suppõe ter sido mais ou menos em 1470, já aos vinte e quatro annos.

Carece de base a affirmação que nol-o aponta na universidade de Pavia, fazendo estudos especiaes de astronomia, geographia, philosophia e mathematica. Autores ha que a negam com fundamento, sem contestar, comtudo, o amor ás sciencias, a inclinação aos labores maritimos, a pratica dos conhecimentos cartographicos e mesmo o seu pendor por estudos de outra ordem, entre os quaes a posse de tres ou quatro idiomas, que sabia. Mas, pelo menos, parece provavel que não fosse adquirida em Pavia essa instrucção; antes o trato social, o esforço proprio e a larga leitura a que se dava, lha teriam facultado.

Essa supposição, um documento a robustece. São os escriptos laudatorios de Nicolão Scillacio, publicados em 1494, emquanto Colombo effectuava a segunda viagem á America. Professor da Universidade de Pavia e escrevendo enthusiastica e minuciosamente sobre o Almirante após a sua triumphal victoria, não se comprehende que Scillacio calasse a circumstancia de ser Colombo um ex-alumno daquelle instituto. Todavia não

ha no seu panegyrico uma palavra a esse respeito. E por que não lembrar o proprio heróe desta palestra, que nunca, em documento algum fez referencia aos seus estudos universitarios? Ha pouco vos citei um trecho do Almirante, em que patenteava aos reis os seus trabalhos e merecimentos.

Outro, da mesma carta, vos mostrará como o desejo de aprender e o convivio com homens de valor lhe terão sido uteis:

Entré a navegar en el mar de muy tienra edad y lo he continuado hasta hoy, pues el mismo arte inclina a quien le sigue a desear saber los secretos de este mundo, y ya pasan de cuarenta los años que lo estoy usando; en todas las partes que hoy se navegan, mis traficos y conversaciones han sido con gente sábia, latinos, griegos, indios, moros y otras diferentes sectas, y siempre he hallado a Nuestro Señor muy propicio a este deseo mio.

De 1470, em que se presume começar a sua vida no mar, até 1476, em que chegou a Portugal, sulcou o Mediterraneo como piloto, em viagens de trafico mercantil e em empresas militares. Entre estas, porém, não está a que armou o duque de Provença René d'Anjou em 1459 ou 1461 contra Napoles (e que se diz ter sido commandada por Colombo), porque nessas datas estava elle entre os treze e os quinze annos. Do mesmo modo a expedição ás aguas de Chipre, em 1476, não se fez sob o seu commando, como pensam alguns, mas sob a direcção do almirante francez Coulon.

—

Começa em 1476, com a sua chegada a Portugal, a phase commovedora da sua existencia, no esboçar do seu sonho, no firmal-o em seu cerebro e condensal-o num unico desejo, numa exclusiva aspiração, num anceio de gloria, que se fará, atravéz da luta amarga, uma realidade.

A sua estadia nesse paiz comprova-se com a correspondencia que manteve com Paolo del Pozzo Toscanelli, medico, conservador da bibliotheca de Florença, notavel physico e famoso cosmographo.

Toscanelli, que se dedicava com ardor aos estudos cosmographicos, ledor das viagens de Marco Polo, Balducci, Pegoletti e Conti, tinha chegado, nos seus trabalhos, á conclusão de que se poderia ir, numa só direcção, da costa occidental européa ao extremo oriental asiatico.

Isso mesmo dissera elle ao canonico portuguez Fernão Martins, na visita que este lhe fizera em Florença. E mais tarde, em carta de 25 de Junho de 1474 ao mesmo Martins, o sabio florentino repetia-lhe as affirmações, para serem transmittidas ao rei Affonso V de Portugal, que lhe pedira esclarecimentos sobre o caminho mais curto para o paiz das especiarias. A guerra com Castella, que absorvia Portugal, não lhe permittiria pôr em pratica esse projecto.

Colombo, que apreciava o valor do scientista italiano, manteve com elle, por affinidade de estudos, correspondencia longa; e delle recebeu a copia da carta de 1474, que o mesmo enviára a Fernão Martins, com

vistas ao rei, além de varios livros e escriptos e de um globo, em que o illustre cosmographo assignalava, por gráos, a distancia que elle presumia existir entre a Hespanha occidental e as Indias.

Eil-o aqui, um dos melhores trechos do commercio mental desses dois homens: *A Cristoforo Colombo Paolo fisico salute. Io recevei le tue lettere colle cose che mi inviasti e di esse ti son grato. Io vedo il tuo desiderio, magnifico e grande di navigare alle parte di levante per quelle di ponente, come si dimostra per la carta che io ti mandai, e meglio si dimostrerebbe per mezzo di una sfera* (como elle o fez depois).

Em Portugal, sem bens e sem recursos, mas entregue sempre ao mar e aos seus estudos, viveu Colombo até 1484, e ahi ganhava a subsistencia a desenhar cartas geographicas e a traçar planispherios.

Mas á medida que profundava estudos, relia viagens e compulsava relações antigas, crescia-lhe no espirito aquella idéa de que, navegando para o occidente, se chegaria ás Indias *(el Levante por el Poniente)*, ou topar-se-iam terras de permeio.

D. Fernando, seu filho, assenta em tres causas o projecto de Colombo: um fundamento natural — a esphericidade da terra; um erudito — as affirmações dos escriptores, como Seneca, Pedro d'Ailly (*Petrus ab Allyacus*) morto em 1420 e autor da famosa obra TRATACTUS DE IMAGINE MUNDI; e um material — os indicios achados sobre o mar

pelos navegantes e por elle proprio, como madeiras e outros objectos, além da menção, que se fazia nas cartas da época, de algumas ilhas no Atlantico, de cuja existencia se fizera lenda, entre as quaes a das Sete Cidades, a de S. Barandon e outras.

Espirito admiravel de energia e de convicção, a cuja fortaleza e intrepidez se deve a gloria de tão notavel feito, eis como lhe traça Irving o retrato moral:

« Era Colombo um desses homens fortes, que devem o que são sómente a si, e que, habituados a enfrentar privações e obstaculos, adquirem a intrepidez, que desafia as difficuldades, e a destreza, que as vence; um desses homens, que sabem obrar grandes cousas com os mais insignificantes meios; que supprem os recursos materiaes com a habilidade e a energia. A pobreza dos meios, de que dispoz, tornou maiores os meritos do seu triumpho ».

Aos trinta e quatro annos conheceu Colombo D. Philippa Muniz Perestrello, filha do navegante portuguez e gentil-homem D. Pedro Muniz Perestrello, donatario da ilha de Porto Santo.

Foi em 1480, na egreja do Mosteiro de Santos que a visão da joven educanda lhe passou pelos olhos, como uma vela branca singrando o tormentoso mar da sua vida.

Imaginai como se fez maior, mais funda e viva, a sensibilidade daquella alma. O proprio céu lhe deparava a noiva ingenua e doce, que não menosprezou a mão do moço e a participação da sua vida, de estran-

geiro, e modesto trabalhador de cartas geographicas.

Casaram em Porto Santo, onde viveram na companhia da viuva de Perestrello Ahi, na simpleza de um lar feliz, em frente ao mar — o velho amigo que lhe tecia vagarosamente a corôa de glorias — Colombo entrou a conhecer os papeis do sogro extincto, os informes e as noticias, de que tirou proveito para roborar as proprias convicções. Ahi nasceu Diego, o primeiro dos seus filhos. Perseverante na sua idéa, convencido da base forte em que a firmára, mas servido principalmente por uma força de vontade extraordinaria; crente, além disso, na protecção do céu, pois que era fervoroso catholico, resolveu um dia offerecer ao rei de Portugal D. João II o seu atrevido plano. Se lhe désse o monarcha os meios necessarios em homens e caravellas, propunha-se demandar as Indias sem o contorno d'Africa. Iria directamente pelo occidente; e si não lhe franqueasse o paiz das especiarias, contava augmentar os dominios reaes com alguma terra, emersa em meio á vastidão das vagas.

Convocou D. João os melhores cosmographos do Reino. Entre elles se encontravam D. Diogo Ortiz, bispo de Ceuta, o medico e cosmographo judeu Rodrigo e o cosmographo José, tambem judeu, aos quaes se deu a missão de discutir com o Genovez o seu projecto.

Eis como se refere a esse facto o velho historiador quinhentista João de Barros:

« .... com esse projecto veio requerer a El Rey D. João que lhe désse alguns navios pera ir descubrir a ilha Cypango per este mar Occidental ; porém El Rey porque via ser este Christovão Colom homem falador e glorioso em mostrar suas habilidades, e mais, fantastico e de imaginações com a sua Ilha Cypango, certo, no que dizia davalhe pouco credito. Comtudo á força de suas importunações, mandou que estivesse com D. Diogo Ortiz, Bispo de Cepta, e com Mestre Rodrigo e Mestre Josepe, a quem elle commettia essas cousas de Cosmographia e seus descubrimentos; e todos houveram por vaidade as palavras de Christovão Colom por tudo ser fundado em imaginações e cousas da Ilha Cypango de Marco Paulo... »

Rejeitado o offerecimento, ante o parecer daquella junta, abandonou Colombo em 1484 as terras de Portugal. E' possivel que tentasse, como accordam historiadores, a realização do seu projecto por parte da sua propria patria, Genova, a cujo governo offereceu os planos, como o diz Giovanni Battista Ramusio, escriptor italiano e autor da obra *Navegazione e Viaggi*, publicada de 1550 a 1559.

Henri Harisse affirma, entretanto, e com o summo criterio e ponderação com que investiga as fontes, que nos Archivos do Estado de Genova (no Palacio Ducal até 1817 e no Palazzetto dahi em deante) nada existe sobre Colombo, que não figura em nenhum acto official genovez.

Quanto ao mesmo offerecimento feito a Veneza, não ha tambem nenhum documento que o comprove, excepção talvez unica do depoimento de um doge do seculo XVII, Giovanni Pesaro, que diz ter visto uma mensagem de Colombo, dirigida áquella Republica.

O mesmo quasi se pode certificar em relação á França e á Inglaterra, a cada uma de cujas côrtes querem historiadores que Bartholomeu tivesse ido, como emissario do irmão. Embora ao serviço de Portugal, em cujos navios concorria para os descobrimentos dessa nação, tendo mesmo acompanhado Bartholomeu Dias quando este defrontou o cabo das tormentas, o irmão do grande navegador talvez tenha tentado essa missão áquelles dois paizes, antes de haver Colombo entrado a Hespanha; em todo caso, nada se pode assentar de positivo.

O de que se não duvida é da sua chegada á Andaluzia em 1485. Dizem varios escriptores que Colombo, ao penetrar nesse paiz, bateu á porta do mosteiro de Santa Maria de la Rabida, onde lhe deram gasalhado os monges do convento. Essa asserção, porém, padece de erro, como o confirmam documentos respeitaveis. A la Rabida só chegou o grande Genovez entre 1491 e 1492, pouco antes de se lhe terem facultado os meios praticos para a effectivação do seu projecto. Em 1485 estava ainda a seu lado a esposa portugueza, que veio a fallecer no anno seguinte; ao passo que em 1491 só

lhe restava do lar constituido em Portugal o filho Diego, de dez annos.

Vejamol-o, pois, na sua peregrinação nos dominios dos Reis Catholicos.

Chegando á Andaluzia, provavelmente por Palos ou Sanlúcar, desprovido de meios e baldo de relações sociaes, procurou em Sevilha, em 1486, o duque de Medina Sidonia, D. Henrique de Guzman, expondo-lhe os projectos que o levavam a Castella e exorando-lhe os auxilios necessarios; este, porém, lhos recusou.

Em 1486 procurou aproximar-se da côrte ambulante de Castella e Aragão, acompanhando-a ás differentes cidades, em que, segundo as circumstancias, demorava. E assim se achou em Cordoba, de onde a seguiu no fim desse anno a Salamanca (... *E volvieran a tener el hinvernio a Salamanca*, como diz Galindez de Carbajal).

Ahi trabalhou, traçando cartas geographicas e conseguiu obter os recursos de que precisava. Pouco e pouco, foi estendendo as suas relações, no que o auxiliava a seducção com que sua palavra encantadora a todos empolgava. Assim se fez amigo do intendente das finanças de Castella e do nuncio do Papa, que o ouviram com apreço, sentindo nelle o catholico leal, o scientista experto, o urdidor impavido de um sonho.

Quando o apresentaram ao arcebispo de Toledo D. Pedro Gonzalez de Mendoza, este o prezou e o distinguiu pela sinceridade que de todo o seu vulto transluzia; e se fez intermediario juntos aos reis, a cuja presença o levou.

E' indubitavel a sympathia com que lhe ouviu os planos a rainha; seu interesse e favoravel graça nunca os deixou de ter Colombo.

Após as vacillações de Fernando, rei de Aragão e infenso ao peregrino, ordenaram os reis que se reunisse em Salamanca um conselho de sabios e doutores, perante o qual o impetrante explanaria o seu projecto. Essa assembléa, convocada para o convento de Santo Estevam, constituida por doutos e professores, entre os quaes, na maoir parte, havia bispos, theologos e frades, naturalmente negaria toda a sciencia de Colombo, porque a Biblia e as obras ecclesiasticas nada diziam, nem podiam dizer, sobre a esphericidade do planeta.

E' explicavel, pois, que o espirito dos doutores de Salamanca, estreitado pelo preconceito, acanhado pela ignorancia e acorrentado á escravisação religiosa, se contrapuzesse ás affirmações do grande nauta. Afóra os que dormiram, por lhe não entender as idéas, os demais o fitavam, prevenidos ante a petulancia daquella theoria, que desconheciam, e lhes abalaria, si acceitassem, os lidimos fundamentos da predicação catholica.

Ignoravam tudo. Toda a producção do espirito novo, que reçumava dos livros e das descobertas de então; todas as indicações que lhes poderiam deparar as obras de Aristoteles, as theorias de Eratosthenes, Strabo e Ptolomeo, as affirmações de Seneca e Rogerio Bacon, os ensinamentos de Pierre

d'Ailly e até as conclusões de um theologo, esteio da egreja, o celebre *doutor angelico* S. Thomaz de Aquino ; tudo mui longe estava daquelle sapientissimo conclave.

E assim discorreu um anno inteiro, após a exposição do visionario, cuja doutrina foi negada, e rejeitado o projecto.

A incredulidade foi aliás, e sempre, o melhor signal da ignorancia de todos os que o ouviram. Elle proprio o attesta : *Todos los que entendieran mi empreza la negaban, burlándose y riendose de ella todos.*

Isabel, entretanto, o não desilludia ; e em Maio de 1487 os reis lhe concediam o primeiro soccorro monetario. Em Agosto o vemos no cerco de Malaga, combatendo pelos monarchas contra os Mouros ; e só após a luta vamos encontral-o em Cordoba, onde conheceu Beatriz Henriquez, a quem se ligou, e junto á qual permaneceu todo o inverno de 1487 a 1488; continuando, comtudo, a frequentar a côrte.

Em 15 de Agosto de 1488 nasce-lhe de Beatriz o seu segundo filho, Fernando; tornando então por pouco tempo a Portugal, onde, segundo alguns autores, foi ouvir a Bartholomeu Dias a conquista do cabo Tormentorio.

Os preparativos para o cerco de Beza e a fome e as inundações do anno 89, explicam a indifferença dos reis catholicos. Mas a Colombo, soffrego de gloria, tangido pela fé no seu projecto, já lhe custava esperar essa victoria, que elle sentia certa. E á sua propria convicção juntavam-se as palavras

de Toscanelli, que considerava o sonho de Colombo como *un viaggio non solamente possibile, ma vero e certo, e di onore e guadagno inestimabile, e di grandissima fama tra tutti i cristiani.*

E' nessa occasião que D. Luiz de la Cerda, duque de Medina Cœli, o retém no seu castello, onde amigavelmente acolhe o visionario.

Agradou-lhe a sinceridade e a facundia, a convicção e o enthusiasmo daquelle homem, tocado por uma occulta mola a onerar-se de uma tarefa esplendida, e cujo merito um concilio suspeito acabava de negar, sem fundamento.

Pode-se calcular, por factos ulteriores, a solidariedade que esse gentil-homem quiz manter com o seu amigo, dominado pela vibrante fé, pela palavra honesta do futuro Almirante do mar oceano.

A personalidade de Colombo sob esse aspecto é realmente a de um companheiro seductor. Seu filho e Las Casas nol-o descrevem como *um falador felicissimo e habilissimo*. Em todos os seus escriptos encontra-se, como o diz de Lollis, o sainete de uma impressionabilidade quasi feminil de sentimento e de imaginação. E' isso justamente o que explica a insensivel dominação, com que, desprotegido e pobre, sem ouro nem brazões, vencêra outrora em Portugal o intemerato coração da linda e nobre dama.

A sympathia que lhe votou Isabel de Castella é outro exemplo da suggestão que manava da sua palavra ao mesmo tempo doce e

impetuosa. Participava a rainha do ardor e da esperança que lhe os olhos delle revelavam. E irmãnando-se áquelle sonho, presa á fascinação da voz emphatica e sonora do futuro triumphador, conseguiu dominar a calculada frieza de Fernando, esposo e amigo.

Medina Cœli, entretanto, impetrava em 1491 aos reis catholicos permissão para expedir as caravellas, que armára em auxilio ao seu amigo.

Isabel protellava a concessão, ciosa do seu proprio interesse por Colombo, mas impedida do tomar logo para o trono a incumbencia de facultar-lhe os meios á grande empresa. E o fazia, naturalmente, á falta de recursos e em respeito á decisão de Salamanca.

Além disso os largos preparativos bellicos para o assedio de Granada absorviam os reis. Castella e Aragão empenhavam-se pela definitiva expulsão dos Mouros e sentiam exhaustos os thesouros publicos. As suas proprias joias, que se diz ter ella vendido para ajudar Colombo, já lhe tinham escapado, ante as despesas formidaveis que acarretava a luta.

Colombo seguiu a côrte ao campo de Santa Fé. Era o fim do outono de 1491. O sonhador soffria. Anciava-lhe no peito aquelle largo, aquelle afagado desejo de vencer, de provar, de confirmar a verdade da sua fé. Soffria e definhava. A pobreza o premia ; a situação importuna de impetrante lhe magoava o amor proprio; os recursos es-

casseavam e desappareciam. Esperava sempre, mas doía-lhe a esperança, porque se delineava em seu intimo, e lhe enchia os olhos, a visão quasi tangivel da realidade.

De imaginoso e fertil, corporizava o sonho e o suggeria a todos. *La sua fervidissima immaginazione lo trascinava a considerar vero il verosimile, certo il probabile.* E soffria e branqueciam-se-lhe os cabellos.

Quando chegou ao campo de Santa Fé, o exercito achava-se acampado junto aos muros de Granada. Isabel resolvera improvizar ali uma cidade. Todos, soldados e aulicos, se esforçavam por satisfazer os desejos da resoluta Senhora ; e, rivalizando em zelo, conseguiram erguer em tres mezes, argamassada pela dedicação e pelo estimulo, uma verdadeira cidade armada em guerra.

O nosso protagonista permanecia esquecido na sua lamentavel situação de solicitador das graças reaes. E' natural, todavia, que assim fosse.

Um motivo muito mais cogente occupava toda a energia da rainha : preparava-se o derradeiro e decisivo golpe contra o inimigo oito vezes secular.

Foi nesse momento que, com mágoa no coração e já descrente da victoria que entrevira nas pupillas azues de Isabel, deixou Santa Fé, e, sem mais recursos, depresso de animo, trazendo pela mão seu filho Diego, Colombo se dirigia a Huelva, em procura de abrigo á casa de um seu cunhado, Muliar. Era o fim de 91. Passou então pelo convento de La Rábida. A fome

e a sede do seu filho o constrangiam; parou e bateu.

Eis o que sobre esse facto depõe Garcia Hernandez:

Chegou ao Mosteiro de La Rábida e pediu ao porteiro pão e agua para o seu filho Diego, que o acompanhava. Um monge, Juan Perez de Marchena, notando-lhe o estranho accento, delle indagou quem era e donde vinha (quien era y donde venía). Disse que *vinha da côrte, onde fôra propôr empreza maritima á terra firme, e, pedindo uma expedição, tomaram-no por visionario e ia desesperado para Huelva.*

Ahi começa a intervenção benigna de Juan Perez de Marchena, um dos grandes amigos que o Almirante encontrou em Castella.

Confessor que fôra de Isabel, escreveu elle á Soberana, interpondo os bons officios e a garantia da sua palavra em favor de Colombo.

Pediu tambem a D. Fernando Talavera o seu valimento, como confessor que era de Isabel.

Las Casas considera Talavera um dos mais rijos adversarios de Colombo; mas Harisse julga a sua acção antes favoravel que contrária.

Do Bispo de Palencia D. Juan Rodriguez da Fonseca, diz Fernando *che portó continuatamente mortale odio all' ammiraglio;* e essa asserção confirmam-na varios actos posteriores. Entretanto, o Almirante, de animo simples e de boa fé, em carta ao filho

Diego, assegurá ter havido entre ambos um *fraternal amor.*

Outros amigos teve, que todos se renderam á sua lealdade carinhosa. Um delles é D. Antonio de Marchena, que lhe foi companheiro, como astrologo e por desejos do Almirante, na segunda viagem. Outros: Juan Cabrero, camareiro do rei e muito amado delle e da rainha; Martin Pinzon, que o soccorreu pecuniariamente e lhe commandou uma das caravellas na primeira viagem; e Alonzo de Quintanilla, de quem affirma Oviedo *que ninguem como elle na Hespanha déra ao navegador tanto interesse nem o acolherá tão bem.*

Sobrepuja, porém, a todos, em affectuoso afan pelo servir e em verdadeira amizade, a figura respeitavel de D. Pedro de Mendoza, cardeal de Hespanha e arcebispo de Toledo, por cujo intermedio, conjugado com os esforços do duque de Medina Cœli e com o trabalho proficuo de Juan Perez, conseguiu Colombo ser chamado á côrte, para ouvir a grata nova de que os soberanos lhe aceitavam a proposta e iam pôl-a em execução.

—

A VICTORIA

Vencida Granada em Janeiro, expediam os reis em 30 de Abril de 1492 ordem para armar-se a expedição em Palos, ao mesmo tempo que o faziam *su Almirãte y Visorey y Governador General en todas aquellas islas y tierras firmes que por su mano o industria se descubriran o ganaran en las mares oceanas.*

A guerra, porém, extenuára Castella, levando-lhe os ultimos recursos. A côrte concorria, por isso, com a somma apenas de 1.400.000 maravedis para pagamento de salarios aos empregados e soldadas aos mareantes. Palos, a cidade maritima, onde se déra no anno anterior um levante contra as autoridades, foi condemnada a alugar por dois mezes duas caravellas completamente equipadas, o que lhe ficou mais ou menos em 2.000.000 de maravedis. E a Colombo, Martim Pinzon e outros amigos, lhes coube a oitava parte das despesas, avaliada em 500.000 maravedis e constituida pela terceira embarcação.

Armadas e equipadas as caravellas, deu-se a Juan de la Cosa o commando da *Santa Maria*, onde se iria tender o pendão de almirante; a *Pinta* foi commandada por Martin Alonzo, o mais velho dos Pinzons, e a *Niña* pelo mais moço, Vicente Yanez, levando as tres uma tripolação de 120 homens, segundo Oviedo. A equipagem era naturalmente mesclada, tal o pavor que aquella empresa em todos produzia, ante o mysterio dos mares nunca vistos. Por isso, a varios criminosos promettera-se-lhes, si embarcassem, a suspensão da acção criminal, a que estavam sujeitos.

Na sexta feira 3 de Agosto de 1492 ás 8 horas da manhã, largava a expedição de Palos de Muger, na confluencia do Tinto e do Odiel, ao sul de Huelva.

Dessa poetica terra do sul, onde sete annos antes aportára o sonhador audaz; da

Betica dos antigos, theatro agitado de tantas lutas e dominações, *habitat* successivo de Phenicios e Carthaginezes, Romanos e Godos, Suevos e Wisigodos, Alanos e Arabes; da terra accidentada e feraz da Andaluzia, lançava-se para o tenebroso mar a aurea cadêa, mercê da qual na espuma branca das vagas se levaria a cultura do passado aos povos do porvir.

Velas pandas e vento propicio, partiu a expedição, demandando as Canarias, de uma de cujas ilhas uma erupção volcanica avermelhava o céu.

Chegaram os navegantes a Gomera, onde se fez aguada e provisões. E em seguida penetraram no infinito dos mares, as prôas ao poente.

Comme un vol de gerfauts hors du charnier natal,
Fatigués de porter leurs misères hautaines,
De Palos de Moguer, routiers et capitaines
Partaient, ivres d'un rêve héroïque et brutal.

Alto mar. Passou-se Agosto e as guarnições viam arrastar-se angustiadamente Setembro. A 14 desse mez começaram-se a observar as declinações da agulha imantada. A 16 singravam as naves o mar de Sargaços, e no dia seguinte, diz o *Diario* de bordo, *vieran muchas hierbas y muy a menudo*. Setembro findou, entretanto. As equipagens sonhavam ainda as opulencias de Cipango.

Ils allaient conquérir le fabuleux métal
Que Cipango mûrit dans ses mines lointaines,
Et les vents alizés inclinaient leurs antennes
Aux bords mystérieux du monde occidental.

Céos claros e escampos, limpidos como o crystal. A maruja esperava, agora solidaria

com os chefes. E as caravellas cortavam cautamente as ondas.

A bordo a canção da saudade embalava as almas, entoada a medo, e avivando na mente as lembranças da patria. Um passaro erradio passava ás vezes e abatiam-no. E as noites succediam-se, profundas e estrelladas, fundindo num só mysterio os segredos do céu e os arcanos do mar. A maruja esperava.

Chaque soir, espérant des lendemains épiques,
L'azur phosphorescent de la mer des Tropiques
Enchantait leur sommeil d'un mirage doré;

Ou, penchés à l'avant des blanches caravelles,
Ils regardaient monter en un ciel ignoré
Du fond de l'Océan des étoiles nouvelles.

Outubro, emtanto, começava. Mais de seiscentas leguas já vencidas e não surgiam as Indias! Colombo olhava os céus e os horisontes; ás noites vigiava. Não descria, porém, da gloria proxima. A guarnição soffria, como outrora no coração das terras d'Asia as tropas de Alexandre.

Mas, como lá, tambem aqui o respeito as retinha, angustiadas embora. Os commandantes mantinham a disciplina; e apenas a ancia de voltar, o temor do enigma, que os defrontava, sacudia o coração dos homens.

Para melhor emoldurar-lhe a gloria, figuram-no alguns escriptores atacado nessa occasião pela maruja rebellada.

A verdade, entretanto, está no *Diario* de bordo de 10 de Outubro, transcripto em Navarrete: *Aqui la jente já no lo podía sufrir; quejábase del largo viaje; pero el Al-*

mirante los esforzó lo mejór que pudo, dandoles buena esperanza de los provechos que podrian haber.

A's 10 horas da noite de 11 de Outubro distinguiu-se de bordo uma pequena luz, que se movia. Seria a terra, ou, como de outras vezes, a illusão ? A's 2 horas da madrugada de 12 a terra era visivel.

Percebeu-a Colombo, com os olhos rasos d'agua, na sombra da noite; no mesmo instante em que, alvoroçado, um marinheiro da *Pinta*, Juan Rodriguez Bermejo, a gritava aos companheiros.

E na manhã dessa sexta feira 12 de Outubro de 1492, o Novo Mundo, as Indias, apparecia, á gloriosa luz do sol dos tropicos, ao heróe. Heróe, sim ! Thomas Carlyle os encarou, no seu notavel livro, como divindades, prophetas, poetas, padres, homens de letras e reis. Por que os não quiz ver na intrepidez de um conquistador em rumo do invisivel dos mares, em demanda dos mundos ignotos ? Heróe, sim; e dos maiores que conhece a Historia.

Eis como nos descreve o reputado historiador Pereira da Silva o momento agitado e commovedor do desembarque :

« Lançam-se ao mar as ancoras. Tres chalupas enchem-se de homens armados. Colombo embarca-se em uma, coberto com um manto encarnado, de espada em punho e sustentando no outro braço o estandarte real de Castella e Aragão. Os dois irmãos Pinzons descem para as outras duas. Rema-se para a terra. Os habitantes curio-

sos fogem para os bosques. Colombo salta: ajoelha-se, rende graças a Deus, beija o chão e derrama lagrimas de alegria! Resôam os ares com canticos a Deus, em córos repetidos. Colombo estende então a espada, levanta o estandarte, e, rodeado de seus companheiros, declara a terra de posse e propriedade da rainha de Castella e do rei de Aragão, e dá-lhe o nome de S. Salvador.

Manda pelo escrivão lavrar termo com todas as formalidades e jura aos Santos Evangelhos que, na qualidade de Almirante e Governador, em que se considera desde aquelle instante, obedecerá escrupulosamente ás regias magestades, que representa como subdito fiel e dedicado.

Todos saúdam, applaudem o chefe, proclamam sua autoridade e juram-lhe egualmente obediencia».

Imaginai, si vos é possivel, minhas senhoras, a commoção daquella alma sensivel, os jubilos daquelle coração, os lampejos daquelle espirito, palpando nos verdores da terra, corporizando no contorno dos montes, realizando nos ruidos da natureza, as névoas do seu longo sonho excelso!

Eil-o, pois, na ilha Guanahany a que chamou *S. Salvador* e que é a ilha Watling do archipelago das Lucayas, situada aos 24º de lat. N., primeiro ponto da America em que pisou o Almirante.

Conheceu Colombo outras ilhas circumstantes, que nomeou *Concepcion*, *Fernandina* e *Isabel*; e chegou a Cuba, cuja costa per-

correu, dando-lhe o nome de *Juana*, em honra á filha dos reis catholicos. Aportou, por fim, ao Haity, por elle denominada *Hespaniola*, cujos aspectos o enlevaram e lhe exaltaram a imaginação fecunda.

Si, ao envez de navegar para o Sul, tomasse o rumo de N. W., teria o grande nauta pisado nessa primeira viagem a terra firme da Florida. O ouro, porém, mercê do qual a sua empresa mais vantajosa se faria aos reis, levou-o para o Sul, até o Haity, sob o conselho dos indigenas, com os quaes manteve boas relações.

Ancioso por tornar a Castella e apresentar-se á soberana, Colombo deixou a America em 4 de Janeiro de 1493, levando a sua gente em duas caravellas apenas; porque a *Santa Maria* se perdera na noite do Natal, arrastada pelas possantes correntes da costa. Deixou no Haity quarenta homens, que se offereceram para ficar de guarnição á fortaleza da *Natividade*, que elle construira na ilha. E levando comsigo doze indigenas, que quizeram seguil-o, fez-se ao mar, affrontando iradas ondas e grandes tempestades, numa viagem bem mais accidentada do que a que o trouxera ás Indias.

Tangido pelo temporal, ancorou no Tejo em 6 de Março de 1493 e obteve, tres dias depois, em Valparaiso, nas cercanias de Santarém a nove leguas de Lisboa, uma entrevista com o rei D. João II, que lhe ouviu interessado a narração do grande feito e os reproches, que com delicadeza lhe fez o Almirante, por lhe não ter outrora dado cre-

dito. E dahi partiu, feliz e sofrego por se achar em frente a Isabel, que o não desanimára nunca.

A 15 de Março entrava em Palos, que deixára 7 mezes e 12 dias antes.

Escusai-nos de vos expôr aqui as manifestações de alegria feitas ao descobridor pela população dessa cidade. Palos o vira partir, irritada e com máos olhos; recebia-o agora, gratissima e feliz, revendo os filhos, que voltavam.

Saudoso e agradecido aos seus amigos, após o abraço que levou cordialmente ao prior de La Rábida, seguiu Colombo a Barcelona, onde nesse momento a côrte estava.

Em todas as cidades, nas menores povoações e aldêas por onde passou, foi festivamente recebido, até esse grande porto de Castella, onde attingiu ao maximo o triumpho.

Nobres e clerigos, plebeus e soldados, todos os que vibravam ante a grande victoria, o seguiram até o palacio real, colmando-o de louvores.

Isabel o recebeu radiante de alegria, e Fernando lhe sorriu pela primeira vez. Concederam-lhe os monarchas premios em dinheiro e foros de nobreza, em cujas armas se gravou a legenda :

Por Castilla y por León.
Nuevo Mundo halló Colón.

Além disso, confirmaram-lhe os reis os privilegios, que préviamente lhe haviam concedido.

E nos, acatando los muchos y buenos y

leales y grandes y continuos servicios que vos Don Cristoval Colón nuestro Almirante y Visorrey y Governador de las Islas y tierra firme descubiertas y por descubrir en el mar oceano en la parte de las Indias nos avedes fecho y esperamos que nos hareys... Eis ahi como, em expressivo preambulo á confirmação dos privilegios, os monarchas lhe prestavam as homenagens, de que se fizera merecedor.

E' o proprio Almirante quem nos traça a narração da sua descoberta, naquella mesma rica e vigorosa linguagem dos seus enthusiasmos. Tem o sabor especial da carta, que conheceis, de Pero Vaz de Caminha, o primeiro historiador da nossa terra.

A noticia do grande acontecimento correu celere pelas nações europeas, e o proprio governo dos reis catholicos a transmittiu ás principaes potencias. Alexandre VI, mais principe do que papa, enviava uma embaixada aos monarchas de Castella e Aragão, remettendo-lhes a bulla de 4 de Maio de 1493, pela qual resolvia traçar a linha de demarcação entre as possessões de Portugal e Hespanha por um meridiano que passaria a cem leguas ao occidente das ilhas dos Açores e Cabo Verde (*centum leucis versus occidentem et meridiem*). E' essa pretensão da curia romana que vae produzir, pelos protestos de Portugal, o celebre tratado de Tordesillas, firmado em 7 de Junho de 1494, que ampliou a mesma linha alexandrina para 370 leguas a oeste daquellas ilhas.

—

Victoriosos, Isabel e Fernando ambicionavam propagar para além oceano a fé catholica e tirar das terras descobertas o maximo lucro que pudessem dar.

Armava-se, por isso, uma nova e maior expedição, constituida por 17 caravellas e 1500 homens.

Não mais de Palos, porém de Cadiz, porto mais franco e vasto, partiu a nova esquadra no dia 25 de Setembro de 1493. E' a segunda viagem do Almirante do Mar Oceano, mais demorada que a primeira.

Si um anno antes a equipagem a custo se recrutára entre criminosos, desta vez o numero dos que quizeram embarcar ultrapassava a lotação, tal o interesse que as novas terras despertavam no animo solerte daquellas gentes.

Eram navegantes e fidalgos, operarios e lavradores, plebeus e missionarios, todos promptos aos imprevistos da viagem, ás esperanças do lucro, aos desejos de conhecer as Indias ricas, e nellas propagar a fé christã. Entre os que vinham, achava-se Alonzo de Ojeda, que se salientára no cerco de Granada e que seria mais tarde um dos inimigos invejosos da gloria de Colombo, depois de lhe ter prestado, pela sua intrepidez, assignalados serviços na America.

Chegou a grande expedição ás Indias em 1.º de Novembro, em latitude mais meridional, aos 15º ao N. do equador. A primeira das ilhas avistadas foi a Dominica, assim chamada por Colombo. Aproou para o norte, e novas terras emersas do oceano

se foram deparando, taes Maria Galante, Guadelupe, e outras de menor vulto; depois do que, tomando o rumo WNW, aportou á ilha de Santa Cruz, unica até então onde os aborigenes se mostraram hostis. No mesmo rumo, em pouco, descobria Porto Rico, que a todos encantou no seu aspecto selvagem de verdura.

Demandando o Haity, o Almirante anciava por ver de novo os companheiros da primeira viagem, que guarneciam o forte da Natividade. Chegou ; mas de tudo e todos que deixára, nada os seus olhos viram. O cacique da tribu do Cibáo, o valente chefe Canoabo, mais tarde aprisionado por Ojeda, não supportára mais as pretensões dos Castelhanos e os attentados praticados com fereza. Fêl-os a todos perecer e arrazou o forte.

Ao Almirante não lhe abateram o animo taes revezes. Era preciso construir de novo, signal mais firme da dominação. Ao centro norte do Haity fez levantar-se a primeira cidade americana, a que chamou *Isabel.* A lembrança da rainha e o preito de gratidão que lhe devia animavam sempre os intentos de Colombo.

Ahi, como Governador das conquistas, fixou residencia. E assente a cidade, erguida a fortaleza, aprumados os predios, iniciou nos arredores a cultura do solo e o pastoreio.

Deu-lhes a serra do Cibáo o primeiro ouro americano, a fonte nutriz que dessendentou todas as empresas maritimas que a Europa mandou á America,

Fez voltar a Castella algumas náos sob o commando de Antonio Torres, a dar conta aos soberanos da sua missão.

E proseguiu em explorações, conscio de que, mais dia menos dia, a sonhada Cipango lhe surgiria aos olhos, farta e bella. Aproava, por isso ao occidente; e assim foi descobrindo a ilha da Jamaica (*Santa Gloria*) e ao sul de Cuba, os ilhotes floridos, a que chamou, recordando Isabel, *Jardines de la Reina.*

Sem ter feito o periplo de Cuba, que lhe surgira como uma dependencia abandonada de Cipango, demandou a cidade de Isabel, onde encontrou Bartholomeu e Diego, seus irmãos, que abandonaram o serviço maritimo de Portugal, accorrendo ao chamado de Colombo.

Mas chegava o momento dos primeiros revezes. Os proprios europeus, sedentos de ouro, attentavam contra a sua autoridade e o moveram á guerra com o gentio exasperado pelas violencias dos dominadores. Accusações surdiram, em que se apontavam factos forjados pela inveja. Disseram delle á côrte que não cuidava dos interesses da corôa, que exagerava, como affirmou o bispo de Palencia, as narrações que remettia, que opprimia e maltratava os subditos de Castella e até que desviava o ouro achado na conquista.

Com o trabalho esconso e habil dos inimigos que tinha, é facil ver-se o honesto servidor do trono desmerecer no proprio conceito de Isabel. E de facto, em 1496, esta

enviava ás Indias, como emissario para inquerito, o aulico Juan Aguado. Ao voltar a Castella, Colombo o acompanhou, deixando a Bartholomeu o governo das Indias.

Sentia o Almirante como era necessaria a sua presença na côrte, onde á revelia o deprimiam covardes inimigos. Os cortesãos o não viam com bons olhos. Em Burgos a rainha lhe deu, comtudo, as mesmas provas de verdadeira estima; emquanto o rei o recebia com frieza, accessivel ás intrigas.

Mas o ouro que levava, extrahido da mina do Cibáo, e a sinceridade que transparecia em seus discursos, conseguiram as boas graças de Fernando, as novas e publicas demonstrações da soberana e o aniquilamento das perversidades engendradas pela cubiça ultriz dos invejosos.

—

A CALUMNIA

Por melhor externar a confiança nelle posta pelo trono, resolveu Isabel dar-lhe o commando de uma terceira expedição, a que se impunha escopo especial: descobrir afinal as terras de Cathay e as ilhas de Cipango.

Os reis catholicos temiam Portugal, cujos navegadores tantas terras haviam descoberto, num rumo só, que os levaria á Asia. O novo rei D. Manoel I, successor de D. João II, encetára, de facto, os aprestos para uma grande expedição ás Indias, e a fizera partir sob o commando de Vasco da Gama.

As difficuldades financeiras de Castella, em luta com a França, empeciam os desejos da rainha, que só em Julho de 1498

conseguiu armar 6 caravellas, com que partiu Colombo de Sanlúcar, á boca do Guadalquivir.

Na escolha dos homens enviados nesta armada, congraçavam-se os dois caracteristicos da alma hespanhola de então: mineiros, para a extracção do ouro; missionarios, para a catechese do gentio: a cruz da fé catholica alliada ao pendão do interesse monetario.

A fama das conquistas, entrementes, empolgava as principaes nações da Europa. Portugal acabava de chegar ás Indias pelo contorno d'Africa, colimando desse modo a desejada meta, a que tantos esforços consagrára.

Henrique VII da Inglaterra já dera a João Caboto e seus filhos os elementos para a viagem, por meio da qual aquelle trono, em principio de 1497, entrava na posse de terras da America do Norte.

Nessa terceira viagem fez Colombo tomarem os navios um rumo mais ao sul; e assim, a 31 de Julho, na latitude de 10° ao N. descobriu a ilha fronteira á costa sul americana, a que chamou *Trinidad,* a mais meridional das Antilhas. E velejando ao S. defrontou o delta do Orenoco, á vista de cuja foz se firmou no seu espirito a certeza de que seria aquelle um grande rio, capaz sómente de banhar accidentada e extensa terra.

Elle mesmo o declara em frente á costa sul americana: *Yo estoy creído que esta és tierra firme grandísima.* Atravessando a

boca do dragão, costeou a peninsula de Pariá, incerto embora sobre si seria uma ilha, ou parte integrante da terra firme asiatica. E desferiu as velas para o Haity. Além da cidade de Isabel, achou Colombo, fundada pelo irmão, ao S. da ilha, a cidade de S. Domingos, que foi depois a séde do governo, muito mais perto, como estava, da mina principal da serra do Cibáo.

Revoltas, porém, surgiram, chefiadas ou atiçadas por Castelhanos, entre as quaes a de Roldan, capitão hespanhol, contra Bartholomeu.

Por sua vez a côrte enfraquecia a acção do Almirante, concedendo patentes a varias empresas para explorar as Indias. Uma dellas trazia nessa occasião ás terras do occidente o antigo companheiro de Colombo, Alonzo de Ojeda, seu inimigo então; ao qual se juntaram Juan de la Cosa, que commandára em 1492 a *Santa Maria* e o florentino Americo Vespucci, que vivia em Hespanha, trabalhando na producção de mappas e *encetava então pela primeira vez uma viagem ás Indias.*

Crescei vossa attenção para esse nome, que aliás já conheceis, pois delle se tirou a denominação do nosso Continente. E' essa uma das odiosas iniquidades, de que ha varios exemplos na Historia. Pois é possivel, que se désse, com justiça, ao Novo Mundo o nome de quem só sete annos depois de Colombo viu terras do occidente? Como puderam os coevos substituir o descobridor pelo usurpador, o conquistador pelo sequaz?

Só pelo falho senso e pela ignorancia innominavel se póde admittir essa injustiça, que aliás se não comprehende, porque a descoberta de Colombo teve larga repercussão em toda a Europa.

Ignoraes talvez a existencia de um passaro, o *cuco*, que leva ao ninho alheio os proprios ovos, desobrigado assim do sacrificio de incubal-os, ao mesmo tempo que, cantando e livre, mantém, pelo trabalho de outrem, as glorias da sua especie.

Beethoven, o inegualavel genio em cuja immensa alma se accordaram todas as vozes da natureza, musicou na symphonia *pastoral* o canto desse passaro, assim alçado aos esplendores da arte.

Dizei-me agora si vos não lembra o cuco esse descobridor do descoberto, esse conquistador do conquistado? Americo Vespuccio, realmente, como o passaro egoista, tomou ao Almirante a gloria de dar á America o seu nome. Cantou, como aquella ave, nas inverdades que deixou em cartas particulares, nas quaes assegurava falsamente ter viajado ás Indias em 1497, antes, portanto, de ter Colombo visto a terra firme. E teve o seu Beethoven em Martin Waltzer Müller, cosmographo allemão, que em 1507, na sua *Cosmographiæ Introductio*, levado pela fama da sua pretensa prioridade, lhe propoz o nome para designar o Novo Mundo.

Considerai, entretanto, que o proprio Ojeda, que já prestára na America bons serviços a Colombo; Ojeda, que chefiava, como

experto mareante, essa expedição, de que Vespuccio era bisonha parte; Ojeda se servíra nessa empresa do roteiro da segunda viagem do Almirante e de uma carta maritima que o mesmo desenhára; como tudo provou um inquerito de 1513.

São dessa ordem os inimigos que lhe quizeram marear a gloria. Entretanto venceram. A intriga, o convicio, a perfidia trabalhavam contra elle, junto ao trono dos reis catholicos.

Em Julho de 1500 o conde de Bobadilla partia para o Haity, como emissario dos monarchas e com plenos poderes para um inquerito demorado, após o qual poderia punir quantos julgasse criminosos.

E' o momento mais triste da vida do Almirante.

Chamado por Bobadilla, foi logo preso com os irmãos e com elles posto a ferros e internado numa fortaleza, emquanto se procedia ao miseravel inquerito, no qual depunham os seus desaffectos, para lhe assacarem toda a sorte de crimes.

Pouco depois embarcava e chegava á Hespanha o immorredouro integrador do mundo, como o primeiro europeu que foi mandado a ferros de America á Europa. Assim chegou a Cadiz, *cargado de fierros y desnudo en cuerpo*.

A nobre figura do grande victorioso, agora posto sob o peso de uma accusação indigna e sob o acabrunhamento da injustiça, levantou a alma vária do povo, o sentimento

collectivo da multidão, que conclamava em prol do heróe ferido.

A Isabel apertou-lhe o coração a dolorosa situação por si propria creada ao Almirante, por quem tivera sempre uma affeição que se não occultava. Providenciou por que lhe déssem liberdade, enviou-lhe a somma de 2.000 ducados e o chamou por carta, afim de lhe ouvir todos os antecedentes de tão condemnaveis e vexatorios resultados.

A entrevista realizou-se em Granada, no palacio Allambra, o celebre e mais bello modelo da architectura mourisca. Commovida e leal, o recebeu. Fel-o erguer-se, quando se lhe dobraram os joelhos e lhe manifestou, sentida e meiga, o seu confiante apreço.

O violento Bobadilla foi destituido da commissão, para a qual recebeu a investidura D. Nicolão de Ovando, que mais tarde tanto perseguiu em Haity os indigenas, encetando os meios ferozes de escravisação e exterminio, de que usaram os europeus contra os incolas da America.

Vêde como é tenaz a alma sincera desse homem. Não percebêra ainda que esmorecia a antiga e leda graça de Isabel, si bem que lhe deu ella provas do contrario.

—

ULTIMOS REVEZES

O desejo de coroar e sua obra com o descobrimento das regiões civilisadas das Indias, onde contava chegar em novas explorações, levou Colombo, passada a tempestade que lhe ensombrára a vida, a impetrar de Isabel mais uma esquadra, para cuja obtenção empregou a facilidade do seu en-

thusiasmo e persuasão, pondo em parallelo com a gloria maritima de Hespanha a de Portugal, assignalada então pelos descobrimentos de Gama e de Cabral.

Essa flotilha — quatro emprestaveis náos, gastas e velhas — concedeu-lha Isabel, para levar ás Indias a quarta e derradeira das suas expedições. Foi em Maio de 1502. O velho marinheiro considerou a pobreza dos meios que lhe davam. Sua alma, affeita ás borrascas do mar e ás maldades dos homens, começou de sentir, ductil e combalida, que arrefecêra a consideração ganhada á corte castelhana, movida agora pelo interesse que despertavam novos nautas, nativos de Castella.

Seguiu, comtudo. Ao menos lhe ficava o velho amigo, o mar.

Essa viagem ultima é um doloroso e continuo desastre.

Faziam-lhe os monarchas restricções que lhe magoavam o amor proprio; impediam-no de aportar ao Haity, ou ilha *Juana*, onde fundára o primeiro forte assegurador da conquista, e a primeira cidade americana, cujo nome recordava a clemente e gentil senhora, de quem houvera outrora o arrimo do seu affectuoso interesse.

Proejou á Martinica e dahi até Honduras, no fundo do Golfo Amatico, donde seguiu até Darien, acompanhando a costa da America Central, que o encarcerava, porque lhe não abria o caminho do Occidente. Desembarcou em varios pontos do littoral, onde quiz deixar o germen de futuras cidades cas-

telhanas. Mas o seu sonho esmorecia, as illusões deliam-se no cerebro, e a gloria, que era immensa, parecia querer fugir-lhe aos poucos. E Colombo sentiu a inanidade dos recursos, a fragilidade dos elementos dessa missão final, acintemente hostil ao seu passado.

Ia tornar á Hespanha, quando um temporal o assaltou, desarvorando as náos, na costa de Veragua. As suas caravellas, quasi inuteis, ainda o transportaram á Jamaica, onde—reparai bem,—durante um anno, soffrendo moralmente e experimentando atrozes privações, esperou o soccorro de Ovando, a quem rogára um navio que o levasse a S. Domingos, de onde seguiria para a Hespanha.

E seguiu. Seguiu para morrer. Os padecimentos physicos lhe assaltaram a rija constituição, cuja robustez diminuiam.

Ia batido pelo temporal da vida, pelas agruras da injustiça, pela fragilidade dos humanos. O velho mar o devolvia á terra abençoadora, a cujo seio os pobres, como os grandes, se podem acolher. Elle a aceitava, de cansado. Mas os maguados olhos do lutador vencido haviam-se de volver — na nostalgia do bem que se perdêra — para o querido e meigo amigo, o Mar, *sul quale*, na dulcissima phrase de Cesare de Lollis, *egli avea passata tanta parte della sua vita, e al quale egli andava debitore di tutta la sua gloria.*

Em Cadiz, ao pisar a terra, onde urdira o seu sonho, envergou para sempre o seu ve-

lame, e, em derradeira carta, invocou Isabel.

Esta porém morria. Foi em 1504. Era o fim. Tudo lhe faltaria agora. Fernando o não prezava. O astuto e desleal monarcha absorvia-se nos seus planos politicos e bellicos. E o Almirante, enfermo e exhausto, lá foi morrer, esquecido de todos e do rei, sem manifestações, que lhe devia a côrte, a que servira com tanta lealdade e tanta gloria. Foi em Valladolid, em 21 de Maio de 1506.

Fecharam-se-lhe serenamente os olhos; no coração dorido, porém recto, em vez da raiva ultriz, floria a paz de um justo, sobranceiro ás miserias humanas. E dellas quiz guardar junto ao seu corpo, a melhor expressão material, nas cadeias de ferro que o peiaram, quando a calumnia, por meio de Bobadilla, lhe quiz manchar o nome e a honra.

Desse episodio minimo na vida do planeta — a morte de um homem — restam sómente dois vestigios, que vos queremos recordar aqui: um é a breve inscripção que assignala, numa escusa viella de Valladolid, a casa em que se lhe cerraram para sempre os olhos e na qual se lê AQUI MURIÓ COLÓN; o outro é simplesmente a GLORIA.

São dois signaes de vida sobre a terra, dois marcos da passagem desse homem: o que lhe apressa a destruição do corpo, o que lhe affirma a duração do nome; a ruina do pó, a grandeza da luz; a vanidade do envolúcro, a perpetuidade da essencia; o rastejo da morte, o vôo da immortalidade.

—

Acabaes de ouvir a vida de um dos mais altos varões que a Historia conhece.

Mais vos dissera ainda o vosso companheiro de estudos, si não temesse cansar por mais tempo o benigno auditorio.

Em todo caso, podeis imaginar pelas consequencias que decorreram do grande feito para os progressos da cultura humana, quão grande e justa e incontestavel se nos revela a sua gloria, que nenhum dos pigmeus que a disputaram pôde jámais egualar.

Hoje a America inteira lhe serve de base ao monumento. Chamou-se *America*, como se chamou *Indias Occidentaes*: por um erro dos homens. Mas, que importa isso?

Imaginai todas as noções novas para a sciencia; toda a riqueza para o mundo; todo o campo vasto, o largo theatro aberto á civilisação; imaginai todo o ouro que iria concorrer á evolução das nações européas; todas as regiões aonde se viriam trazer os ensinamentos da fé christã; e notai o accrescimo de conhecimentos, ante as novas raças humanas, os novos vegetaes, a nova fauna, as novas terras e os novos astros, de que tomava posse o espirito humano!

Grande heróe da Historia! Todos vós o sentis. Heróe na fortaleza e no arrojo; na convicção scientifica e na confiança em si; heróe na persistencia e na luta; na dominação pela palavra e na ponderação pela serenidade; heróe pela lealdade e pelo amor; pelos extremos da sensibilidade e pelos arroubos da imaginação!

O tecelão de Genova, o joven marinheiro de antanho, mal revelava em si o grande Predestinado da Civilisação, que abriu ao mundo moderno o largo sulco do mar tenebroso e com milhões de leguas integrou o planeta.

E para nós, meus caros discipulos, essa integração do planeta é a terra fecunda e vasta da America. E' a terra, onde se desenvolve, ao lado da Europa, esse punhado de nações fortes e moças, nascidas sob outro céu, crescidas no meio da selva virgem, onde fluem os grandes rios caudalosos. E' a America, a primogenita da Liberdade, o continente da Democracia.

E a America são todas as novas civilisações, estuantes de seiva, que concorrem para a grandeza do mundo e abrem o seio acarinhante ás gentes do planeta, que lhe vêm pedir abrigo e paz, riqueza e lar.

E para nós, a America é o Brasil. E o Brasil, meus bons amigos, é a terra santa da patria; a terra opulenta e nobre, plena de risos ao porvir e de saudades ao passado. E' a terra dos paes, a nossa terra, a terra dos nossos filhos.

E' esse grande mundo, onde uma raça honesta e nova, feliz e forte trabalha e pensa, voltada á realização dos mais altos ideaes e das mais lindas esperanças. E' a terra do nosso amor e do nosso bem; do nosso berço e do nosso tumulo; a terra em que rutilam as tradições do passado nas glorias do pavilhão, nas grandezas da lingua, nos triumphos da raça.

O Brasil é a patria que devemos ao Descobridor da Terra Americana.

E a Patria no passado é o inconcusso labor de quatrocentos annos; e no futuro, dil-o, num vaticinio, um obscuro, mas sincero poeta:

Patria, patria! Ha de ter teu povo um dia
Dentre os povos da terra a primazia,
Pelo esplendor que o teu futuro encerra.
Pela cultura e pelo amor fecundo,
Inda has de ser o cerebro do mundo,
Inda has de ser o coração da terra!

12413